

## O MOMENTO CHINÊS

por Mário Soares

A China, país emergente, em clara expansão económica - que faz esquecer ao Ocidente repetidos atentados contra os Direitos Humanos - é um país cheio de contradições. Ao contrário do que se passou com a Federação Russa, o comunismo na China não implodiu. Transformou-se. O marxismo-leninismo, na versão maoista, evaporou-se. É certo. Mas o aparelho partidário do Partido Comunista chinês, ultra-centralizado, conservou-se, ao mesmo tempo que se converteu às delícias, para a *nomenklatura*, do pior capitalismo selvagem. Como foi isso possível? Que contradições insanáveis acarretou? É difícil, por enquanto, avaliar. Porque as novas que nos chegam da China são poucas e nem sempre confiáveis.

No Ocidente conhecemos pouco das transformações reais que ocorrem na China. Dos conflitos internos e das revoltas no mundo rural. Sabemos que são consideráveis. Tem vindo a criar-se, nas grandes e médias cidades, uma nova classe média que começa a viver com algum conforto, em relação a um passado recente. Mas o campesinato continua a viver em extrema pobreza, a par da *nomenklatura* dos multimilionários, estreitamente ligada ao poder político, do qual depende.

É evidente que a China tem vindo a abrir-se ao mundo exterior, importando produtos sofisticados e tecnologias de ponta e exportando, muito baratos, têxteis e *bugigangas* que invadem as zonas pobres, mesmo dos países mais desenvolvidos. Tem investido em títulos da dívida pública americana, o que pareceu um negócio de grande futuro - com implicações geo-políticas consideráveis - mas que hoje se transformou, com a queda do dólar como moeda de referência e o colossal déficit externo americano, num enorme quebra-cabeças.

Importa reconhecer, contudo, que a China tem procurado, nos últimos anos, afirmar-se como um actor dinâmico e aguerrido no mundo global em que vivemos. Emigrantes chineses às centenas de milhares estão a estabelecer-se nos cinco continentes, criam os seus próprios laços e furtam-se, o mais possível, a integrar-se nas populações locais. São em geral simpáticos, prestáveis, pacíficos, sorridentes e, sobretudo, silenciosos. E não consta que morram no estrangeiro. Seja onde for...

A China fez, entretanto, uma grande aposta: receber os Jogos Olímpicos, em Pequim, em Agosto próximo, com pompa e circunstância, como sinal de abertura e de boa vontade. E estão a fazer todos os esforços para que corram bem. À parte a comparação - que não faz sentido - Hitler fez o mesmo, em 1936, com algum êxito, mas não foi brilhante.

Agora, Taiwan ofereceu um brinde a Pequim: a vitória arrasadora do velho Kunitang, partido hoje renovado e liderado por Ma Ying-jeou, que tem inscrito no seu programa «melhorar as relações

com a China, para evitar as divergências e os conflitos e reactivar a economia», e ainda, eventualmente, formar com ela uma espécie de «mercado comum». Ao contrário do derrotado Partido Democrático Progressista - do ex Presidente da República, Chen Shui-bian, independentista, como o seu sucessor, agora vencido, Frank Hsich - em parte responsável pelas tensões e conflitos criados nos últimos anos.

Pelo contrário, as más notícias vieram do Tibete, onde os motins anti-chineses têm vindo a ser reprimidos com brutalidade. A China trata o Tibete - dizem os críticos do regime - como se fosse uma mera colónia, discriminando os seus habitantes como populações de baixo estrato e sem direitos. O líder religioso budista, e prémio Nobel da Paz, Dalai Lama, que vive exilado na Índia, em Dharamsala, apelou para o Mundo, denunciando a China por estar a cometer um puro «genocídio cultural». A sua voz é ouvida e o que diz tem peso. Ainda agora, foi visitado pela democrata Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes dos EUA. O que não é pequena coisa. Nada disto pode considerar-se uma boa introdução aos Jogos Olímpicos, como notou o presidente do Parlamento Europeu, o democrata-cristão Hans-Gert Potering... Questões destas, de consciência, não se resolvem pela força, como a História recente nos tem ensinado.